

# APRESENTAÇÃO

## CONSCIÊNCIA, CONSCIÊNCIAS

**Arno Engelmann & César Ades**  
*Instituto de Psicologia - USP*

A psicologia, ao se tornar ciência no século passado, apresentava como objeto principal o estudo da consciência. A observação da consciência era, entretanto, diferente da observação dos outros objetos científicos. Na concepção dos principais cientistas que a estudavam no século XIX, a consciência era observada diretamente, sem intermediário. Wundt, o iniciador de um laboratório de psicologia, colocava a consciência como requerendo a observação imediata do seu objeto, sendo mediata a observação do objeto nas outras ciências naturais.

Watson achava que a psicologia deveria assemelhar-se às outras ciências naturais. Se a consciência incomodava o estudo científico, então a nova psicologia deveria ser uma ciência sem consciência. Além do mais, as pesquisas introspectivas dos principais laboratórios de psicologia levavam a resultados muitas vezes contraditórios. A partir de 1925, a maioria dos psicólogos americanos situavam-se num dos behaviorismos. Essa voga do behaviorismo prolongou-se, pelo menos, até 1960. Cabe notar que depois do advento do nazismo na Alemanha, os Estados Unidos tornaram-se, e continuam sendo, o principal centro de psicologia do mundo.

Nos anos sessenta multiplicaram-se estudos cognitivos, ou seja, estudos em teoria opostos ao behaviorismo. Embora o cognitivismo, pelo menos enquanto especulação, mantinha o interesse por fenômenos cons-

cientes, as principais investigações cognitivistas não se embrenhavam nas questões que a consciência levantava.

A situação mudou a partir de 1980. São muitos os estudos que, atualmente, se interessam pelo tema da consciência. Esse interesse não é exclusivo da psicologia. Antes mesmo dessa nova revolução, filósofos, neurobiólogos, antropólogos escreviam artigos e livros sobre o mesmo assunto. O número deles decuplicou, nos dias de hoje.

O presente número temático da *Psicologia USP*, centrado na questão da consciência, reúne contribuições provenientes da filosofia, da neurociência, da etologia, da psiquiatria, além de, evidentemente, contribuições psicológicas. A origem do número temático remonta a dois simpósios realizados em 1993. Em julho, por ocasião da Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência no Recife, César Ades organizou um simpósio sobre “Consciência” do qual participaram, além do coordenador, Gilberto Fernando Xavier, Henrique Schützer Del Nero e Lígia Maria de Castro Marcondes Machado. Em outubro, Arno Engelmann organizou, durante a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia em Ribeirão Preto, o simpósio sobre “Maneiras de estudar a consciência” do qual participaram, além dele, José Lino Oliveira Bueno, Niélsy Helena Puglia Bergamasco e William Barbosa Gomes. Quando, mais tarde, Engelmann e Ades tiveram a idéia do número temático, resolveram reunir as contribuições dos participantes de ambos os simpósios, convidando, além disso, João de Fernandes Teixeira, Therezinha Moreira Leite, Vitor Geraldi Haase e Fernando José Leite Ribeiro. Também foi incluído um segundo artigo de Arno Engelmann.

Os artigos do presente número de *Psicologia USP* dividem-se em três grupos: (1) os que abordam a consciência numa perspectiva global; (2) os que buscam situar a consciência num contexto biológico; e (3) os que apresentam abordagens metodológicas ao estudo da consciência.

### ***A consciência numa perspectiva global***

O que é a consciência? Como funciona? Onde se localiza? Qual o objetivo da consciência, objetivo adaptativo e objetivo moral? Os quatro artigos neste grupo abordam alguns desses aspectos.

Arno Engelmann, no seu primeiro artigo, apresenta sua teoria baseada principalmente em escritos de Tolman. Duas seriam as consciências: a consciência-imediata, início de qualquer observação, e as consciências-mediatas, parte do organismo de seres humanos e de animais não-humanos. A parte inicial do artigo é puramente filosófica. Não se pode falar no eu momentâneo utilizando a repetição da ciência, porque simplesmente não existe repetição. De outro lado, na parte final, encontram-se concepções científicas. A parte de experimentos a respeito é possível. Em investigações psicológicas, o organismo de alguns animais apresenta uma parte que é conhecida pelo próprio animal. É a consciência-mediata.

Henrique Schützer Del Nero conseguiu muito bem transmitir aos que o lêem o cerne do problema da consciência. Por utilizar uma linguagem que não é a dos dados ou dos argumentos como em artigos científicos (uma linguagem alegórica, como ele-próprio escreve) alcança um resultado diferente da dos outros artigos deste número. Proporcionou, assim mesmo, uma informação suplementar num número grande de notas de rodapé.

A abordagem de Del Nero busca unificar na explicação da consciência o “ser” descritivo com o “dever a ser” normativo, o cérebro e a mente. Analisa em seu texto o que é, ou no seu ponto de vista foi, conhecido por “behaviorismo”. De outro lado, analisa o que chama de alma gêmea do “behaviorismo”, o “cognitivismo”. A primeira foi puramente empírica, a segunda é voluntarista. A mente, contudo, é uma obra biológica e, ao mesmo tempo, uma obra cultural. A consciência, parte da mente, seria basicamente a triplicidade de relações: entre elementos formando símbolos, entre símbolos formando pensamentos e atos, e entre estes dois últimos formando consciência.

Para muitas pessoas poderá parecer que há algum um engano no artigo de Lígia Maria de Castro Marcondes. Este artigo procura mostrar como o behaviorismo radical entende o estudo da consciência. Não seria o behaviorismo uma escola que teria negado qualquer menção ao fato do ser humano ter consciência? Não é bem assim.

Se consultarmos os livros de Skinner, veremos a consciência mencionada inúmeras vezes. Qualquer pessoa, seja qual for sua linha de pensamento, inclusive behaviorista radical, menciona muitas vezes ocorrências de consciência. Somente, na hora de colocá-lo num esquema, o behaviorista radical não utilizaria a consciência como conceito científico. No artigo de Lígia Machado, a consciência é a “capacidade de descrever o que se está fazendo” Essa capacidade de descrever é, em último lugar, função das consequências. Há comportamentos racionais, em organismos que seguem as regras, e comportamentos intuitivos, nos quais o organismo não é controlado por estímulos verbais.

João Fernandes Teixeira apresenta um artigo que é um ótimo comentário sobre um livro recente de David Chalmers. Por que Chalmers? Chalmers é um dos grandes pensadores atuais sobre o problema da consciência. Chalmers apresenta uma teoria que vai de encontro àquilo que é considerado por João Teixeira “tudo que o que os cientistas cognitivos e neurocientistas desejam: *reduzir* estados conscientes a uma base neurofisiológica ou física.”<sup>1</sup> Lembremo-nos que a palavra “redução” apresenta vários sentidos. De um lado, “redução” seria a possibilidade de converter tudo que é parte das ciências naturais, em último lugar, a acontecimentos físicos. De outro lado, seria uma visão monista da ciência natural em que, segundo alguns, as emergências apresentariam seu lugar (Ayala & Dobzhansky, 1983).

Existem, segundo Chalmers, dois tipos de problemas: problemas fáceis (*easy problems*) e problemas difíceis (*hard problems*). Os *easy problems*, como o foco da atenção, a diferença entre sono e vigília, etc., são de solução relativamente simples. Entretanto, a verdadeira complexidade reside no que Chalmers chama de *hard problems*: como é que um

---

1 Grifamos a palavra “reduzir”

fato neurológico ou cognitivo vai dar origem à experiência consciente? qual é a maneira com que iremos distinguir um ser humano de um robot humanóide do tipo COG, que é idêntico exteriormente ao ser humano? o fato de possuir interiormente fios e *chips* seria suficiente para negarmos a ele consciência?

Chalmers acha que a experiência consciente é um primitivo na teoria como as noções de massa e de espaço-tempo. De outro lado, a experiência consciente é o início e não o ponto de chegada da consciência. Teixeira atravessa o longo livro de Chalmers. Chega no fim e se pergunta se é válida uma teoria que parece mais como uma parte do novo “misterianismo” (Flanagan, 1992) ou do velho cartesianismo? Não seria possível a experiência consciente ser uma característica da matéria?

### ***A consciência numa perspectiva biológica***

A questão de se os animais (não-humanos) possuem consciência, se pensam, sentem e querem, do mesmo modo que nós pensamos, sentimos e queremos é um dos problemas mais antigos e controversos. Além de sua relevância do ponto de vista da psicologia comparativa, ela tem importância filosófica: os posicionamentos a respeito se refletem inevitavelmente no modo como entendemos e interpretamos a consciência humana. As análises oscilam entre uma negação (cartesiana) da consciência animal ou da possibilidade de seu estudo e atitudes mais favoráveis, que pregam um uso mais descontraído da linguagem de estados mentais e o aproveitamento da analogia com o ser humano para entender a subjetividade animal (não encorramos em *antroponegação*, alerta De Waal (1997), pensando nos argumentos dos que criticam o *antropomorfismo*).

Ades revê e critica três linhas de argumentação a favor de uma leitura dos conteúdos da consciência animal: a que supõe possível uma espécie de tradução perceptiva (por exemplo: os ultrassons do morcego representados visualmente, para que o ser humano possa avaliá-los), a analogia antropomórfica e o uso de comportamentos/critérios supostamente reveladores de estados conscientes (desempenhos aparentemente

inteligentes podem transcorrer sem consciência ou de acordo com regras automáticas<sup>2</sup>). Não nega a estas estratégias um possível valor heurístico mas sim seu rigor enquanto definidoras de estados de consciência. Segundo ele, o conhecimento do que é “ser um morcego” (de acordo com a pergunta clássica de Nagel, 1974) não passa por inferências acerca dos conteúdos de consciência, mas pela reconstituição do modo muito peculiar, não necessariamente parecido ao jeito humano, como o animal se relaciona com a sua circunstância.

Em seu comentário ao artigo de Ades, Fernando Leite Ribeiro reconhece a dificuldade que há de tentar representar-se o que percebe o animal e a distância conceitual entre pensar, resolver problemas, criar e imaginar, de um lado, e ser consciente, de outro. Questiona, contudo, a linha traçada por Ades entre a consciência animal, que encontraria realização no domínio do “dar se conta”, de natureza basicamente perceptual, e a consciência humana, enraizada no senso do *eu* e na capacidade de comunicação verbal. Será tão absurda a possibilidade de um senso de *eu*, em animais? E, de outro lado, não terá a consciência, mesmo em sua acepção humana, uma natureza pré-linguística? Não seria maior a semelhança entre animais e seres humanos no “sentir” do que no “conhecer”? As perguntas de Ribeiro ao mesmo tempo em que apontam limites (mostram as teias em que pode se enredar o pensamento) abrem sendas de análise.

José Lino Oliveira Bueno coloca-se mais perto, em seu artigo, da pesquisa experimental com animais, buscando surpreender o “imaginário” animal no descompasso entre os estímulos ambientais e os desempenhos que lhe são associados. Na medida em que se demonstra não ser ponto a ponto o controle ambiental, abre-se um espaço para a *representação*, não como epifenômeno, mas como processo essencial do ponto de vista causal e adaptativo. Não é apenas cópia, é combinatória ou computacional; não é apenas concreta, pode ser amodal ou abstrata; abrange aspectos ligados à circunstância (declarativos) e à ação sobre esta (aspectos “procedimentais”). O estímulo condicionado não é mais o

---

2 Rules of thumb, ou seja, modos simplificados, pouco exigentes do ponto de vista cognitivo, de serem realizadas tarefas complexas.

simples eliciador de respostas que sempre foi, também gera imagens do estímulo incondicionado ausente e isto significa, segundo a arrojada colocação de Holland, uma espécie de alucinação. Estamos à beira de uma colocação em termos de consciência. Bueno contudo distingue o uso “informativo” do conceito de representação de seu uso como processo consciente pleno, e previne contra a confusão entre representação mental e experiência mental.

Rejeitando o dualismo e recorrendo a conhecimentos modernos sobre o cérebro, Campos, Santos e Xavier querem trazer a consciência “de volta para a natureza” Como Bueno, entendem que a capacidade de representar-se, isto é, de construir um mapa mental, com ensaios-e-erros computacionais embutidos, oferece maior adaptação ao organismo, por permitir a *previsão*. Valem-se de casos clínicos em que o funcionamento integrado do sistema nervoso, levado à fragmentação, revela sua base modular. Na visão às cegas (*blindsight*), o paciente diz que nada vê, no entanto, é capaz de ajustar seus movimentos ao objeto apresentado; na condição de negligência unilateral, o paciente, que parece ter perdido a capacidade de prestar atenção ao que acontece de um dos lados do corpo e do ambiente, consegue, em determinadas circunstâncias, levar em conta em seu comportamento, estímulos do lado negligenciado. Nestes e em outros comprometimentos neurológicos abordados no artigo, consciência e comportamento, normalmente imbricados, sofrem uma dissociação que nos surpreende e nos força a rever a definição de consciência. Esta não mais aparece como fenômeno unitário, que se pudesse localizar aqui ou ali, no sistema nervoso, mas como multiplicidade e integração. A neurociência, apesar da sofisticação de seus métodos (estamos na era das imagens por ressonância magnética e outras técnicas que permitem “ver” o cérebro funcionando), não deve ser tomada como atalho reducionista para a solução da questão da consciência, mas como uma fonte importante de informações e de teorias, a ser levada em conta

Haase, Diniz e Cruz consideram pouco provável que um modelo de consciência (ou melhor, como eles próprios, cautelosamente, colocam: de *estados mentais conscientes*) possa nascer do estudo da atividade neuronal isolada. Propõem, usando como quadro de referência o

pensamento de Ernst Pöppel, que seja considerada como objeto de pesquisa a organização temporal da atividade de *grupos* de neurônios. A sincronização da atividade oscilatória seria uma das bases para o surgimento da experiência subjetiva. Não que o estudo do modo como o cérebro codifica e processa as informações possa esgotar a questão da consciência: faltaria examinar, de acordo com Haase e colaboradores, os *conteúdos* dos estados mentais, a partir das interações do organismo com os eventos ambientais relevantes. A perspectiva pöppeliana leva à surpreendente concepção da consciência como “temporalmente descontínua” e à postulação de dois mecanismos globais: um, de alta frequência, definidor de eventos; outro, de baixa frequência, ligado à integração de eventos diversos. As bases empíricas para o modelo provêm, entre outros, de estudos que correlacionam, em pessoais normais e em pacientes, a frequência da atividade cerebral aos níveis de consciência. A segmentação temporal aparece também em atos motores, como o interessante estudo inter-cultural de Schleidt, Eibesfeldt e Pöppel (1987).

### ***A consciência numa perspectiva metodológica.***

Como a consciência é estudada nos seres humanos e, de acordo com muitos pensadores, também em animais não-humanos? A investigação, se possível, pode ser realizada exclusivamente por meio de falas ditas por seres humanos? Ou, pelo contrário, haverá outros métodos que se aplicam a animais de várias espécies? Que são esses métodos? Os quatro artigos finais procuram discutir alguns desses problemas.

A classificação de Arno Engelmann em seu segundo artigo apresenta, além dos relatos, mais três tipos de indicadores que podem demonstrar no animal estudado a consciência, ainda que o seu grau de revelação seja menor. Além disso, os relatos, para ele, não seriam exclusivamente verbais, mas incluiriam outras maneiras de qualificá-los. Finalmente, de acordo com Donald Campbell, indivíduos humanos de idade adulta são capazes de indicar conteúdos de consciência que apresentam semelhança com



conteúdos de consciência do observador. A hipótese fenomênica, baseada na consciência do observador, torna-os aproveitáveis.

Podem investigações serem realizadas em seres humanos antes da possibilidade de se desenvolver a capacidade de falar? Niélsy Bergamasco apresenta provas que sim. Experimentos recentes na área demonstram que as mesmas expressões faciais dos adultos são realizados nos bebês. Bergamasco estuda esses movimentos expressivos em bebês. Em um deles, revela-se que bebês, de algumas horas até três dias de vida, apresentavam reação de choro típica de dor ante estímulos dolorosos. A descoberta ao redor de 1989 de dois tipos de receptores à dor, um dos quais já levemente mielinizado, fala fortemente quanto à possibilidade de consciência. Em segundo lugar, suas investigações de bebês a estímulos gustativos, e também a olfativos, revelam consciência de bebês, ainda que, neste particular, haja estudos com resultados negativos. No bebê altamente dependente dos pais seria necessário a comunicação das emoções, conclui Bergamasco.

Therezinha Moreira Leite pergunta-se como estudar os sonhos ou melhor como estudar a consciência onírica. A atividade do ser humano durante cada dia costuma ser partilhada num período de vigília e num de sono. Entretanto, diz Therezinha Leite, o pensamento durante a vigília é continuado durante o cochilo, durante o adormecimento, durante o sono propriamente dito. As rupturas durante a passagem de vigília para o sono e durante a passagem de sono para a vigília são falsas. A alternância de períodos e conteúdos conscientes e inconscientes são características do sono e também da vigília. As palavras são associadas às imagens e são capazes de revelar, mas apenas por aproximação na qual entram deslocamentos e substituições, o conceito realmente “oculto”

William Gomes realiza entrevistas com seres humanos realizadas com base fenomenológica. Seu modelo é originado ao mesmo tempo de duas tradições: a psicologia fenomenológica iniciada pelo estudo de Van Kann (1959) e a fenomenologia semiótica da comunicação ou comunicação influenciada pelo filósofo Merleau-Ponty (1960). Este último distingue três passos: (1) narrar o mundo como parte de sua experiência

consciente; (2) entendê-la por si mesma; e (3) descrevê-la para entender determinadas situações.

A entrevista é, em primeiro lugar, a consciência de outros tais como são apresentados na consciência do entrevistador e, em segundo lugar, pelo rigor da maneira com que a consciência do outro se transforma. Nesse ponto, o artigo de William Gomes transmite a fenomenologia de outros seres humanos adultos.

### *Discutindo a questão da consciência*

Enquanto planejávamos o presente número temático, pensamos que o ideal seria fazer com que os manuscritos dos autores fossem lidos e comentados pelos outros autores, em uma ou mais rodadas. As observações e replicas possíveis poderiam ser inseridas no final dos trabalhos, um pouco como é regra em revistas de discussão como *The Behavioral and Brain Sciences*. Poderiam, assim, ser explorados os pontos de convergência e debatidas as discordâncias ou diferenças. Surgiriam oportunidades para a colocação de novas idéias mediadoras e de novos esquemas conceituais. Um debate com este espírito foi realizado, de fato, durante uma reunião sobre “Consciência” organizada em 1996 no Instituto de Estudos Avançados da USP de que participaram vários dos autores do presente número. Questões práticas impediram contudo que fosse levada adiante a idéia de fazer circular os manuscritos e de inserir na revista os comentários sobre cada um deles. Mas é nossa esperança que os artigos publicados desempenhem exatamente este papel, junto aos leitores: o de gerar discussão e posicionamentos e de criar condições para que seja re-examinada, do ponto de vista de suas bases científicas e do ponto de vista de seu valor filosófico, a questão fascinante da consciência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYALA, F.J.; DOBZHANSKY, T., eds. *Estudios sobre la filosofia de la biologia*. Barcelona, Ariel, 1983.
- DE WAAL, F. Are we in anthropodenial? *Discover*, v.18, p.50-3, 1997.
- FLANAGAN, O. *Consciousness reconsidered*. Cambridge, MA, MIT Press, 1992.
- MERLEAU-PONTY, M. (1960). Fenomenologia da linguagem. In: *Textos escolhidos: Maurice Merleau-Ponty*. Trad. Marilena Chauí. São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- NAGEL, T. What it is like to be a bat? *The Philosophical Review*, v.83, p.435-50, 1974.
- SCHLEIDT, M.; EIBESFELDT, I.; PÖPPEL, E. A universal constant in temporal segmentation of human short-term behavior. *Naturwissenschaften*, v.74, p.289-90, 1987.
- VAN KANN, A. Phenomenological analysis: exemplified by a study of the experience of really feeling understood. *Journal of Individual Psychology*, v.15, p.66-72, 1959.



# DOIS TIPOS DE CONSCIÊNCIA. A BUSCA DA AUTENTICIDADE <sup>1</sup>

**Arno Engelmann**  
*Instituto de Psicologia - USP*

*No conhecimento científico atual, duas ocorrências são autênticas: (1) o desenvolvimento rápido da ciência empírica e (2) o uno e momentâneo da consciência. Denominei essa consciência de consciência-imediata. Em toda a aquisição de um conhecimento científico empírico ou natural, passo de uma observação individual e momentânea a um universo coletivo e temporal. É a alteração de uma verdade absoluta por um conhecimento probabilístico. Sete hipóteses básicas são apresentadas para permitir o conhecimento desse universo probabilístico. Na descrição desse universo, opto por uma explicação emergentista, isto é, uma explicação evolucionista em termos de níveis crescentes. Há a explicação presente dos vários níveis, mas, ao mesmo tempo, há a interação causal entre estes mesmos níveis. Portanto, o universo é um só. Na maioria dos animais há um nível de organismo, o nível que abarca o animal como um todo. No organismo dos seres humanos e de muitos outros animais, há uma pequena parte que pode conhecer-se a si mesma. Essa parte denominei de consciência-mediata. A consciência-mediata pode ser constituída pelo passado do próprio observador, consciência-mediata-do-observador, ou ser parte do organismo de outras pessoas ou outros animais não-humanos, consciência-mediata-de-outros. A consciência-mediata-de-outros pode ser pesquisada da mesma forma como quaisquer outras partes dos animais. A consciência-mediata-de-outros é uma das partes do universo em relação a qual há uma busca contínua.*

*Descritores: Consciência. Epistemologia. Teoria de sistemas. Mente.*

---

<sup>1</sup> Agradeço a leitura desse texto em sua versão preliminar a Nelson Ernesto Coelho Jr. Suas sugestões resultaram em mudanças importantes, ainda que não tenha tido uma oportunidade de obter a aprovação dessas mudanças. Por isso aceito a plena responsabilidade do presente artigo

## I. Introdução.

Há duas ocorrências autênticas que se encontram no fundo de qualquer estudo moderno relativo à consciência: (1) o avanço incontável das ciências empíricas nos últimos quatrocentos anos e (2) o uno e momentâneo da consciência.

O estudo das ciências empíricas, por exemplo, o estudo da física, química, geologia, biologia, está progredindo cada dia mais. Este avanço poderia ser representado de acordo com uma curva acelerada em relação com a passagem do tempo. Descobertas importantes nestas ciências ocorrem agora frequentemente. Descobertas menores, mas de aplicação prática, acompanham as grandes descobertas. Essas descobertas práticas vão, muitas vezes, alterar a maneira de vida das populações.

Podemos, por exemplo, citar o aperfeiçoamento dos métodos que estão sendo utilizados na apresentação da língua escrita. Sou do tempo em que a linguagem escrita se valia de penas que traçavam no papel as letras e que eram molhadas cada vez em frascos de tinta. Ao mesmo tempo, existiam as canetas-tinteiro armazenando um pouco de tinta e soltando-o num período relativamente mais longo. De tempo em tempo, enchiam-se as canetas-tinteiro com a tinta guardada em casa. A seguir, veio a substituição das canetas-tinteiro por canetas esferográficas que, entre nós, são denominadas pelo nome de uma marca, a “bic”. Se a escrita era para ser documentada, usava-se uma máquina de escrever mecânica. Essa máquina de escrever mecânica veio a ser substituída, a seguir, por máquinas de escrever elétricas, nas quais as letras são batidas sempre com a mesma intensidade. Por sua vez, a máquina de escrever elétrica veio a ser substituída por um computador com impressora matricial. Atualmente, há impressoras de computador a laser que resultam numa escrita tão nítida quanto a de um livro. Escrever, hoje em dia, é uma tarefa bem diferente do que escrever há cinquenta anos.

A segunda ocorrência de fundo autêntica é ser a consciência una e momentânea. Para cada indivíduo existe apenas *uma consciência desse tipo*, mesmo que subdividida. As outras pessoas evidentemente apresen-

tam também uma consciência. Entretanto essas consciências de outras pessoas são de um tipo diferente da primeira consciência individual. A consciência individual é algo de completamente *imediatamente*.

Lembremo-nos que “imediatamente” é um adjetivo cujo significado mais empregado é algo “que não tem nada de permeio” (Ferreira, 1986, p.919), como diz o dicionário do Aurélio. É a visão que a pessoa tem, é a audição que a pessoa tem, é o *feedback* da tensão no rosto da pessoa, é o temor que envolve a pessoa, é a lembrança da maneira com que a pessoa acordou no dia anterior, é o nome dos pais que a pessoa precisa para preencher um documento, é a maneira como a pessoa planeja o próximo fim de semana, é como a pessoa verifica se a conta a pagar recebida por um negociante está correta, é a procura de uma saída num jogo de quebra-cabeça, é o cálculo feito pela pessoa da raiz quadrada de dezoito, é a pessoa falar num tom zangado a uma criança que sujou um tapete. Tudo isso acontece com a pessoa *imediatamente*. É o contrário, por exemplo, de acontecimentos que a pessoa chega a saber unicamente lendo o jornal.

Demos a significação de “imediatamente” O contrário de “imediatamente” é o que se denomina de “*mediato*” É aquilo “que está em relação com outra(s) pessoa(s) ou coisa(s) por meio de uma terceira.” (Ferreira, 1986, p.1109). O universo está cheio de entes vivos e não-vivos, que são conhecidos unicamente ao passarem por uma ou mais coisas intermediárias. Exemplos são um cachorro (ente vivo) ou uma porta de uma casa (ente não-vivo).

Todos os entes, para serem conhecidos por uma pessoa, passam necessariamente por aquilo que denominei de *consciência-imediata*. Por isso, serão para essa pessoa *necessariamente entes mediatos*.

Dentro dos milhares de entes mediatos, alguns são as consciências das outras pessoas. Essas *consciências* de outras pessoas são, como denominei, *mediatas* por que, para serem conhecidas, precisam passar através de uma ou mais coisas intermediárias, *uma das quais é necessariamente a própria consciência-imediata* da pessoa que a percebe.

Além disso, o autêntico não é apenas ser a consciência que chamo de imediata apenas imediata, mas *durar apenas um momento*. Um “mo-

mento” é um “espaço pequeníssimo, mas indeterminado, de tempo.” (Ferreira, 1986, p.1152). Em primeiro lugar, é um espaço pequeníssimo de tempo, mas é um espaço de tempo. Nesse espaço de tempo diversas coisas ocorrem. É um “espaço de tempo” já que, para o dicionarista, não havia nenhuma outra maneira de dizer a não ser o uso da metáfora do espaço representando o tempo. Em segundo lugar, apesar de pequeníssimo é indeterminado. Não podemos calcular quanto é esse tempo. É bom representarmos a consciência, ou dizendo melhor, a consciência imediata como durando um momento. Realmente, e isso vamos verificar mais tarde, que essa duração não pode ser medida, já que tudo que é imediato para a pessoa é sua consciência imediata e, portanto, não há nada com a qual possa ser comparada. De outro lado, nas consciências inferidas dentre as outras pessoas, esta duração é capaz de ser medida e recebe o nome de “presente psicológico” ou “agora”

O fato da consciência imediata demorar apenas um momento, deixa as consciências, que já foram imediatas, tão mediatas quanto as consciências das outras pessoas. A diferença é que no presente caso a consciência-imediata capta unicamente as próprias lembranças. Entretanto, as lembranças não serão necessariamente idênticas às consciências-imediatas correspondentes que ocorreram antes.

O progresso recente das ciências empíricas é reconhecido por todos; o segundo, a autenticidade do uno e momentâneo da consciência-imediata, é o raramente. É verdade que, para a maioria das pessoas, o momentâneo da consciência é real, mas a singularidade dessa consciência não o é. Há um pouquinho de razão naquilo que dizem essas pessoas. Vejamos, mais uma vez o significado de termos.

“Consciência” na explicação dada pelo dicionário dirigido por Antônio Houaiss é “Conhecimento, noção do que se passa em nós (...) Percepção mais ou menos clara dos fenômenos que nos informam a respeito da nossa própria existência ...” (Houaiss, 1980, p.219). A explicação do dicionário do Aurélio é maior. Entretanto, nenhum dicionário classifica a consciência em imediata e mediata. Essa divisão é fundamental para mim; é o *fundamento do presente artigo*.



A consciência de cada indivíduo está isolada da consciência de outras pessoas. Isso está contido naquilo que se chama em filosofia de *fenomenismo* ou *fenomenalismo*. É uma doutrina que afirma que apenas os fenômenos podem ser conhecidos. *Fenômeno* é tudo que aparece à consciência-imediata. Entretanto o mais importante, não é a consciência de cada indivíduo estar isolada das outras consciências, mas estar isolada de tudo que constitui o universo. O *universo* é tudo que contém, salve a consciência-imediata, é *mediato*.

Peço a vocês que procurem demonstrar a negação do fenomenismo. Isto é, que vocês possam conhecer a *realidade* das coisas que vocês vêem, ouvem, sentem pelo tato no momento. Do meu ponto de vista, isso é *absolutamente impossível*. Há, entretanto, algumas situações que advogam fortemente em contrário.

Tenho uma porção de objetos no meu escritório, livros, papéis, canetas esferográficas, réguas, borrachas, lápis. Posso vê-las e posso manipulá-las. Quando estou com um lápis na minha mão, nada há de mais claro que saber tudo o que compõem o lápis em si mesmo. Entretanto, é uma ilusão minha. Por exemplo, o lápis apresenta uma cor. Entretanto, essa cor vai ser diferente para outros animais compostos de órgãos sensoriais diferentes dos seres humanos. E o ser humano não apresenta a qualificação máxima em todos os órgãos sensoriais. Há aves que percebem diferenças das cores ultravioletas para as quais os seres humanos são cegos. Há animais que apresentam um órgão para perceber eletricidade, que nos seres humanos não conhecemos. Além disso, pelo que sabemos da física, todos os entes do universo se comporiam de átomos que, por sua vez, se comporiam de um núcleo maciço de elétrons e nêutrons. Na sua imagem haveria mais vácuo do que substância. Entretanto, o lápis para nós seria uma coisa bem sólida. Posso conhecer a *percepção dos objetos do meu escritório*, mas não posso conhecer imediatamente *os objetos em si mesmos*.

Não há nada de mais íntimo do que a relação entre uma mãe e seu filho ou filha pequenos. A mãe durante essas relações amolda a consciência do filho. Não haveria, portanto, uma influência ou mesmo um contato entre as duas consciências, da mãe e do filho? Há uma influência enorme de uma consciência na outra. Apesar disso, contato entre o que

cada consciência sente como seu âmago, não há. Uma consciência não pode conhecer outra consciência do mesmo modo que se conhece a si mesma. Por mais que a relação seja possível, e é enorme no caso da relação mãe-filho, não retrata o contato das duas consciências.

Sabe-se, hoje em dia, que há um contato entre certas pessoas denominado de empatia. A situação emocional que envolve determinado indivíduo seria, através do modo empático, comunicado a outros indivíduos, cujo única estimulação seriam os movimentos expressivos do primeiro indivíduo. Não haveria nestes casos uma espécie de contato direto? Novamente, responderia que não. Comprova-se nos casos de empatia que uma pessoa passa pela mesma emoção que a outra por influência dessa outra. Mas, o passar pela mesma emoção não significa que haja contato direto entre as duas consciências-imediatas.

Ouvimos uma canção ou o movimento de uma sonata. Tanto a canção como o movimento da sonata são ouvidos inteiramente. Enquanto estão sendo ouvidos, não ocorreria uma consciência prolongada que abarca o todo da música? E essa consciência seria bem maior do que a consciência momentânea. Novamente, acho que não. Em cada momento, a pessoa ouve os sons do presente e sente, ao mesmo tempo, o total da música. Esse total da música vai se completando até terminar no momento em que a música termine. Esse momentâneo dura um tempo bem menor que a totalização da música. É, entretanto, o único tempo durante o qual a pessoa ouve instantaneamente os sons. Uma característica da consciência-imediata é ser sempre do presente.

## **II. O começo.**

Um dos principais temas do artigo é encontrar um meio de comunicação entre uma consciência imediata e individual, de um lado, e o geral e universal das ciências naturais ou empíricas, de outro. Mais exatamente, é a comunicação entre uma coisa vista *singularmente* e as coisas científicas vistas *pluralmente*. Se acharmos a comunicação, ela se dará res-

peitando um dos fatos mencionados no início do artigo, o uno e momentâneo da consciência.

É importante posicionar-me filosoficamente antes de iniciar a tentativa de explicação do hiato existente, as consciências individuais e o universo a ser conhecido. Além de fenomenista, sou cético probabilista.

*Ceticismo* é uma escola filosófica que se iniciou em Atenas no século V A.C. Contra as chamadas escolas dogmáticas, os cétricos pregam a suspensão de julgamento ante qualquer afirmação. Por exemplo, diante da afirmação de que os corpos leves apresentam a propriedade de se afastar da Terra, o cético suspende esse julgamento. Vale tanto a resposta positiva, que vê na “leveza” o impulso para se afastar da Terra, quanto a resposta negativa, que nega ao pequeno peso a propriedade de levá-lo a subir por si só. Ou, diante da afirmação de que o Sol esquenta a Terra, o cético suspende novamente o julgamento. Vale tanto a resposta positiva, que vê no Sol uma fonte de calor na Terra, quanto a resposta negativa, de acordo com a qual o Sol apenas brilha mas não envia à Terra qualquer calor. Essa característica do ceticismo é válida desde seu início até hoje em dia.

Há vários tipos de ceticismo. Um desses tipos surgiu já na Antiguidade entre alguns cétricos acadêmicos, isto é, membros da Academia de Atenas.<sup>2</sup> A Carnéades de Cirena é atribuído, além do critério básico, um princípio ou segundo critério de acordo com o qual todo julgamento apresenta um determinado grau de persuasão. Assim, hoje em dia, haveria extremamente fraca persuasão do primeiro exemplo, a afirmação de que os corpos leves apresentam a propriedade de se afastar da Terra, e bem forte do segundo, de que o Sol esquenta a Terra. Críticos contemporâneos acham que a crença no grau de persuasão, ainda que apresentada por Carnéades, não correspondia àquilo que o filósofo acreditava. Era um mero exercício dialético. Entretanto, Fílon de Larissa, que não conheceu Carnéades, estabeleceu o grau de persuasão de Carnéades como um dos princípios básicos a ser aceito por todo cético. Enesidemo revoltou-se

---

2 Academia era o nome da escola filosófica fundada por Platão no século IV A.C. nos jardins consagrados ao herói Academus, próximo a Atenas. Funcionou até o século VI D.C., sob o império de Justiniano.

contra esse novo princípio e fundou o ceticismo pirrônico<sup>3</sup> ou verdadeiro ceticismo (Burnyeat, 1983; Couissin, 1983; Sedley, 1983). De qualquer modo, desde o século I A.C., ceticismo pirrônico é a filosofia que acredita principalmente no critério básico e ceticismo acadêmico junta um outro princípio, isto é, a crença no grau de persuasão.

O ceticismo acadêmico tornou-se mais completo no *probabilismo* do filósofo francês Cournot. De acordo com Cournot, devemos distinguir *possibilidade* de *probabilidade*. A possibilidade de sair um “três” em lançamento de um dado com as seis faces totalmente idênticas é igual a um sexto. Isso é um valor totalmente objetivo. Probabilidade é o sentido vulgar do termo. A probabilidade de sair “três” em um dos cinco lançamentos futuros com um dado, cuja identidade das seis faces não podemos prever, é mais ou menos igual a cinco sextos. Entretanto, não podemos conhecer de antemão o resultado. Se realizarmos um experimento psicológico, a probabilidade de obter o resultado previsto teoricamente é menor. Cournot chama esta probabilidade de *subjetiva* ou *filosófica*<sup>4</sup> (Cournot, 1851/1975).

No universo, o único critério de probabilidade é baseado em ocorrências anteriores. Entretanto, o critério pode mudar com a passagem do tempo e com isso a probabilidade subjetiva se altera. Pode-se comparar duas probabilidades subjetivas. Quase sempre, uma será maior do que a outra. Se houver um número maior de probabilidades subjetivas, elas apresentam uma certa ordenação. Utilizando a classificação de Stevens (1951), podemos dizer que as probabilidades subjetivas servem-se de uma escala ordinal, a escala que dispõe em ordem as probabilidades subjetivas mas ignora o grau de diferença que existe entre elas.

Cournot afirmou que uma probabilidade subjetiva no presente se apresentaria como possuindo uma convicção inquebrantável. Entretanto,

---

3 Pirronismo é uma forma clássica de ceticismo que apresenta sua inspiração em Pirro, filósofo grego que viveu do século IV ao século III A.C.

4 Cournot (1851/1975) chama ainda a possibilidade de *probabilidade matemática*.

o fundamento dela é plenamente falível e pode ser quebrada se o critério de aceitação mudar.

O probabilismo de Cournot foi fortemente influenciado por Hume (1748/1955). Apesar de Hume ser cético, seu ceticismo, principalmente por ocasião da sua segunda obra filosófica mais concisa, é acadêmico ou, em suas palavras, mitigado. É um prelúdio para o desenvolvimento das ciências empíricas.

O ceticismo probabilista é uma maneira de observar o universo. Todas as percepções, todas as afirmações passarão necessariamente pelos dois critérios. O que uma pessoa vê, ouve, cheira, tactua, o que essa pessoa sente, o que essa pessoa pensa, o que essa pessoa lembra de acontecimentos passados, o que essa pessoa imagina sobre acontecimentos futuros, enfim, tudo que a pessoa é num determinado momento, tudo que achamos que forma a sua consciência imediata, propondo um outro vocabulário, pode ser denominado de “isto”. E o “isto” é real, é verdadeiro.<sup>5</sup> Todo o resto pode ser denominado de “fora”. O “fora” compreende *quase* todo o universo. Dentro do universo, tudo que inferimos atualmente do universo, tudo que os outros seres humanos inferem atualmente do universo, tudo que os outros seres humanos –vivos ou mortos– inferiram do universo e tudo que eu inferira do universo, fora do meu “isto”, está incluído. Dou às ocorrências no “isto” o nome de *fenômenos* e às ocorrências no “fora” o nome de *acontecimentos*.

O “isto”, lembremos, é idêntico à consciência-imediata, mas os “foras” são muito, muito maiores do que o conjunto das consciências-mediatas.

---

<sup>5</sup> Esse conceito de verdade é baseado na teoria da correspondência entre crença e fato, como foi relatado por Bertrand Russell (Prior, 1967). A crença é sempre em relação a um fato e o conhecimento do fato é, na concepção cética, dado individualmente ao “isto”. Entretanto, esta verdade pode mudar na vida de uma pessoa e pode mudar ao se considerar diversas pessoas. Essa definição de verdade choca-se com a noção de que a verdade é aquilo que está realmente por trás das coisas, as essências, uma das definições de verdade dada por Lalande (1926/1993). De outro lado, alguns poucos céuticos duvidam inclusive daquilo que chamei de “isto” (Popkin, 1967). Essa dúvida vai de encontro a toda possibilidade de ciência.